

Dr. Alceu e o laicato, este desconhecido

CÂNDIDO MENDES

CMP 2.17.241

Alceu Amoroso Lima morreu a 14 de agosto de 1983, na inquietação luminosa de saber o caminho de seu tempo mas cobrar sempre mais do que divisava. Podia fazê-lo quem, neste século, entregou sua biografia à da própria aventura do espírito em nossa terra. Os últimos artigos de Tristão de Athayde marcavam ao falar sobre as viradas cardeais, a sabedoria dos "Fioretti" de João 23. Mas em muitas das últimas conversas, na correspondência, e nas notas da chegada aos 90 anos, o leigo exemplar do catolicismo brasileiro interrogava-se sobre o compromisso político do cristão na abertura.

Não se tratava apenas de reconhecer o torpor fisiológico a que induz a boa consciência instalada, capaz das interrogações mais edificantes, a título individual, sobre a injustiça do nosso tempo, mas insusceptível de viver uma efetiva prática de transformação social. Dr. Alceu nos convocava a meditar sobre o compromisso explosivo deste laicato, de buscar a palavra que é sua na comunidade da Igreja, no testemunho e na ação política nos dias de hoje.

Teremos condição de realizar plenamente a tarefa ou continuaremos sempre culpados do que não somos? Até onde a força da hierarquia nessa última vintena, como voz das "injustiças sem voz", cretouse o desempenho do leigo na abertura, e acostumou-o a que, em tempo de ditadura como de democracia, se fizesse ouvir primeiro o episcopado? Habitua-mos a uma inconsciente e cômoda clericalização dessa "tomada da palavra", como se permanecesse o álibi do Estado de exceção e o subsídio dos bispos, à manifestação que incumbe, de saída, aos católicos, imersos na lide política.

A Igreja saiu do autoritarismo com esse saldo único de presença junto ao Brasil silencioso e marginalizado, conquistando um capital de confiabilidade hoje sem paralelo junto às raízes mais fundas da sociedade brasileira. Às vésperas de 64 o laicato já se desinstalara. Ao risco de um radicalismo da generosidade mergulhava fundo durante o túnel e fecundava de maneira profética as comunidades de base, guarnecidas hoje contra as utopias fáceis e as certezas triunfalistas de pensar-se a alternativa do projeto brasileiro. A destituição é o referencial desta prática mas, por si só, não traz a garantia da plena leitura dos "sinais dos tempos", lembra-nos dr. Alceu. Ao lado desta militância subterrânea, o compromisso político confessional viveu, nestas últimas duas décadas, e ao risco da perda do grão de sua voz, o papel de prolongamento natural da hierarquia na denúncia do quadro de violência do país autoritário, através das comissões de Justiça e Paz. O excepcional testemunho de São Paulo permitiu, na reação à morte de Wladimir Herzog, o grito de basta à rotina das torturas, passado da praça da Sé aos quartéis.

Como se conjugam agora estas vertentes indagava dr. Alceu, no dever da mudança, tão difícil quanto o dever da denúncia dos últimos anos? As lideranças emergentes na Constituinte, o desempenho de relatores e presidente das comissões temáticas, a palavra de tantos novos porta-vozes de legendas reencontram-se na paleo-história da Ação Católica. Constituem sobre o compromisso das siglas o de um verdadeiro "partido oculto", de importância decisiva para mostrar que a maior envergadura de uma ação política consequente não precisa da

procura fetichista dos centros para encontrar a sua moção criadora. Nada mais perigoso à conquista efetiva da democracia, como estuário de uma prática social, que a busca, a priori, de equidistâncias ou de consensos por esvaziamento temático, ao invés de princípios basilares norteando os movimentos de idéias antes dos corpos partidários. Tendo vivido a presidência da LEC e a expectativa das Constituintes pré-Vaticano 2.º, dr. Alceu contrapunha ao ideário da "natural harmonia" entre o Brasil das elites e o da confessionalidade instalada, os imperativos do testemunho político encarnado, confrontando a marginalização coletiva ou o conflito crescente entre a burocracia do Estado e a sociedade silenciada em suas raízes. Ou a injustiça das estruturas sociais no quadro da mudança abortada. A imposição de alinhamento pelos sinais dos tempos são novos "Rubicons" a mostrar a um evangelismo generoso a profundidade do passo e do fosso ao se passar da intemporalidade dos valores à sua conquista no seio da vida social.

Confluindo no veio defensivo de um mesmo depósito de princípios no plano intransigente da defesa da vida, da família, ou de um pluralismo educacional, até onde progride hoje uma mesma identidade básica no plano das exigências cristãs do desenvolvimento e de uma Constituinte que a sufrague.

A visão libertária final de dr. Alceu trazia as marcas e as cicatrizes desta imersão no seu tempo, a palavra mais repetida ao longo de toda a obra de Tristão. E a alegria da plenitude da última década de sua vida, é dessa riqueza da pessoa que só se conquista de retorno daquele mergulho. Nada mais difícil para um filho do patriciado da "belle époque" do que atingir

uma visão histórica referida, forçada na nitidez das opções básicas pela violência das contradições de um país subdesenvolvido.

O nó górdio de tantas polémicas cruciais da Constituinte poderá ser sempre cortado pelo gume elementar de quem se posicione no plano econômico e político pelas premissas da distribuição e da participação. Mostram esses nortes, sob a aparência de verdades quase pleonásticas, o que é o compromisso confessional em termos da reforma agrária e urbana ou da aceitação do princípio "subversivo" das emendas populares, frente ao velho monopólio da legislação pela democracia representativa. O debate da Carta Magna mudou agora de escala, portado pela ação da Igreja a um porte de propostas que desbordam um milhão de assinaturas. Quer-se incorporar a expectativa do Brasil marginal ao que se abriga sobre as calotas hígidas do plenário constituinte. Por sobre todo o conteúdo destas emendas o essencial é que vingue, no texto, o próprio princípio da iniciativa da coletividade incorporado à vida e à rotina do processo legislativo. Pressente-se o ímpeto que porta a proposta, a continuar a mobilização das "diretas-já". São fáceis de prever também as resistências à sua aceitação por um jurisdicção manicurado. O que se apara aí é a força de um Brasil de fundo que quer continuar o momento constituinte ao lado das vontades mandatadas em novembro último. O "partido oculto" de dr. Alceu responde pelas expectativas da nação do silêncio, e fala agora por um laicato definitivamente saído da sombra.

CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, 58, é sociólogo, presidente do Conselho Internacional de Ciências Sociais da Unesco e diretor do Conjunto Universitário Cândido Mendes (RJ).

"Folha de São Paulo" 14-VIII-1987